

As origens da *Società Sportiva Palestra Italia* em 1921: Imigração italiana, associativismo e integração social.

Geovano Moreira Chaves

Doutor em História pela UFMG/Pós-Doutorado em História pela UFGD.

Resumo:

Este trabalho tem como intenção discutir o contexto e a importância da imigração italiana como elemento fundamental para a criação da *Società Sportiva Palestra Italia*. Tendo em vista o centenário do Cruzeiro Esporte Clube, que se celebrará em janeiro de 2021, é intenção neste trabalho destacar a importância dos processos de imigração, de inserção, de trabalho, de associativismo e de habitação, no contexto de construção e primeiras décadas de existência da capital de Minas Gerais, como elementos fundamentais e campos de pesquisas e estudos que podem colaborar para trazer novos elementos para as narrativas que visam fornecer informações sobre as origens da sociedade palestrina, sobretudo destacando a importância de seu caráter popular no contexto de sua pré-fundação. Neste sentido, a pesquisa remonta às origens da imigração para o território mineiro, passando pela imigração direta para Belo Horizonte, a organização e trabalho na nova capital até o contexto esportivo e social que propiciou a fundação da *Società Sportiva Palestra Italia*.

Palavras-Chave: Palestra Itália, Imigração Italiana, Belo Horizonte.

De Palestra a Cruzeiro: um fenômeno de explosão demográfica partilhado por um sentimento comum

Atílio Turci nasceu em Belo Horizonte no dia 05 de março de 1905. Seus pais foram imigrantes italianos que vieram tentar uma melhor condição de vida na recém inaugurada capital de Minas Gerais. No início de sua adolescência na cidade, Atílio Turci foi pedreiro, construtor civil, tendo trabalhado inclusive na construção do prédio da antiga Santa Casa de Misericórdia, na praça Hugo Werneck. Atílio Turci foi jogador da *Società Sportiva Palestra Italia*, estando inclusive escalado nos primeiros jogos do clube. No dia 17 de abril de 1921 esteve como titular da equipe no estádio do Prado Mineiro e contribuiu para a vitória de 3 a 0 sobre o que viria a ser futuramente seu maior rival em nível local. A biografia de Atílio Turci, hoje homenageado como nome de rua no bairro Caiçara, está disponível na seção ficha descritiva do Arquivo Público Mineiro, conforme dispõe Filgueiras (2011).

A vida desse filho de imigrantes italianos que vieram da região da Emilia-Romagna é apenas um exemplo particular de uma história que transcende décadas e completa seu primeiro centenário em 2021. O que impressiona nesta história é entender como um grupo de italianos imigrantes que habitaram a capital de Minas Gerais no início do século XX foram os responsáveis diretos pela criação de uma instituição esportiva capaz de aglutinar em torno de si milhões de pessoas um século depois.

Na intenção de compreender como foi possível a fundação da *Società Sportiva Palestra Italia*, faz-se fundamental analisar o contexto que tornou plausível sua construção, de modo a abranger o cenário social e geográfico em que se deu a fundação do clube. A construção e a formação da cidade de Belo Horizonte em conjunto com o processo de imigração italiana direcionada a habitar e trabalhar na construção da então nova capital, de feições republicanas, são elementos fundamentais para que se possa ter melhor dimensão do processo que culminou nas origens do Cruzeiro Esporte Clube.

Os imigrantes italianos que se deslocaram para trabalhar na construção de uma nova capital para o Estado de Minas Gerais contribuíram de forma efetiva também por fundar o que viria a ser um dos maiores clubes de futebol da América do Sul e do mundo, construindo por meio do esporte uma identidade social partilhada por milhões de pessoas.

Para tanto, faz-se necessário entender as genealogias que tornaram possível este fenômeno. Salientamos o termo fenômeno principalmente quando vislumbramos a explosão demográfica que se criou em 100 anos em termos de número de torcedores. Necessita-se remontar às origens para tentar descortinar os antecedentes históricos ocorridos no que se pode denominar período Pré-Palestra, de modo que se possa compreender melhor seu surgimento. Para tanto, o recorte temporal inicial é o século XIX e o recorte temporal é a então fragmentada Itália.

Da Itália para Minas Gerais:

A região geográfica que ficaria conhecida como Itália experimentou no século XIX um processo de unificação que ficou conhecido como *Risorgimento*. Após uma longa época dominada por Napoleão, pelo Império Austro-Húngaro e pela Igreja Católica, assim como também marcada por muitas revoltas internas, sendo que algumas delas tinham como intenção unificar a região em torno de uma nação comum, o cenário social do território italiano era desolador, conforme informa Cavalieri (2011). Tal situação de vulnerabilidade social foi ainda mais agravada pelo fato de que a região que ficou delimitada como Itália foi marcada por uma economia predominantemente agrária até a unificação, sendo que após este marco se

começa um processo de industrialização acelerado, que causou, de acordo com Cavalieri (2011), uma mecanização das propriedades agrícolas, fazendo com que as pessoas que tinham seus trabalhos diretamente ligados a terra, diante da situação que se apresentava, ficassem ainda mais em situação de pobreza. Foi diante desta ocorrência de pauperização que, segundo Cavalieri (2011), milhares de italianos perceberam na emigração uma possibilidade de melhorarem suas precárias condições de vida. O próprio governo italiano da época, como comenta Cavalieri (2011), incentivou o envio de italianos para outras partes do mundo, na intenção de que dessa forma pudesse diminuir o contingente populacional do território acreditando que agindo assim se amenizariam os problemas.

O Brasil foi um dos grandes destinos dos emigrantes italianos. O processo de abolição da escravidão e as teorias raciais da época influenciaram diretamente neste processo. Cavalieri (2011) destaca também que, além do fator racial, existiu também a questão dos vazios demográficos no território brasileiro, que na crença dos governantes da época poderiam ser preenchidos pelos imigrantes. Os italianos foram bastante solicitados por suas conhecidas especializações técnicas e pela facilidade de adaptação quando comparado a outros imigrantes, de modo como entende Cavalieri (2011).

Da fase imperial a republicana, a política de imigração teve bastante relevância no Brasil, sendo que os modos de trabalho e de assentamento, assim como os lugares a que se destinaram e se assentaram os imigrantes, o que caracteriza este processo de imigração, conforme informa Rodrigues (2009). De modo subvencionado pelo Estado, a imigração em Minas Gerais se deu em dois períodos principais: De 1867 a 1879 e após 1880, após a publicação de várias leis e regulamentos para tentarem introduzir mais imigrantes. Cavalieri (2011), por sua vez, considera que antes da abolição, os imigrantes que vinham para Minas Gerais eram oriundos de outros estados brasileiros. Somente com o advento da República é que Minas Gerais firma contratos que trazem o imigrante italiano diretamente para o Estado. Este fato na opinião do autor é o que explica o número de imigrantes italianos em Minas Gerais ser maior que a quantidade de imigrantes de outras nacionalidades.

Rodrigues (2009) relata que foram criadas estruturas estatais para organizar a imigração, como por exemplo o Serviço de Imigração, Colonização e Hospedarias para Imigrantes, conforme ocorreu em Juiz de Fora. De acordo com o estudo de Rodrigues (2009), também existiram sociedades particulares para atraírem os imigrantes, formadas por empresários e cafeicultores da região da Zona da Mata mineira, como foi o caso da Associação Promotora de Imigração.

A Zona da Mata mineira teve grande preponderância na economia cafeeira do final do século XIX e início do XX. Principalmente a partir de Juiz de Fora, porta de entrada, houve várias políticas de favorecimento a inserção de imigrantes em Minas Gerais. Tal interesse neste imigrante se deu pelo fato da crença de que este possuía mão de obra qualificada, e que sua inclusão no trabalho da lavoura cafeeira possibilitaria melhor desenvolvimento deste setor. Tal compreensão, no entanto, não levava em consideração o enorme contingente populacional da população afro-brasileira que foi deixada a margem da inserção social mediante a possibilidade de trabalho, em detrimento desta visão que se tinha do imigrante. Porém, neste cenário, os imigrantes que foram atraídos por promessas de oportunidades que poderiam lhes oferecer melhores condições de vida, em grande medida, acabou se inserindo em um cenário de mentalidade escravagista, sendo forçosamente levados a trabalhar em condições precárias e viverem sob uma condição de vida lastimável.

No entanto, Rodrigues (2009) ressalta que os imigrantes que se deslocaram para Minas Gerais não necessariamente tiveram seus destinos como trabalhadores de lavouras cafeeiras. Muitos deles foram alocados em trabalhos industriais e urbanos. Neste contexto, a nova capital de Minas Gerais estava sendo erguida, e havia uma necessidade enorme de mão de obra para a construção civil.

Outro ponto que merece destaque é a imigração subvencionada, uma vez que em 1894, de acordo com os argumentos de Cavalieri (2011), o governo de Minas Gerais criou a Superintendência de Emigração na Europa, com sede em Gênova, que cuidava da propaganda, do controle, do transporte e da documentação dos imigrantes que tinham como destino Minas Gerais. Entre 1894 e 1897 houve a entrada de um grande número de imigrantes italianos no Estado. Utilizando como fonte o Livro de Hospedaria de imigrantes de Juiz de Fora, Cavalieri (2011) informa que entraram em Minas Gerais 49.882 imigrantes, sendo 45.511 italianos. Cavalieri (2011) cita também um relatório de Carlos Partes que informa ter chegado neste mesmo período em Minas Gerais cerca de 70.817 imigrantes, sendo que 92% deste total eram italianos, ou seja, 65.153. Estes italianos eram na sua grande maioria vênnetos, toscanos ou meridionais, que além de serem deslocados para os núcleos coloniais criados pelo governo, também tiveram como destino a nova capital que estava sendo construída.

Para compreendermos melhor o deslocamento dos imigrantes, principalmente neste caso específico os italianos, para a nova capital de Minas Gerais, precisamos destacar algumas situações fundamentais. A primeira delas é o descontentamento político com a centralização dos poderes de governo como foi feita na fase imperial. A segunda são as novas ideias

republicanas, que pretendiam trazer ares de mudança e renovação no cenário político brasileiro.

Belo Horizonte como nova capital de Minas: Um projeto Republicano

Segundo Passos (2013), a proclamação da república em 1889 e o ambiente de novas ideias que adviriam deste acontecimento trouxeram consigo o debate sobre a necessidade de construção de uma nova capital para Minas Gerais. Ouro Preto era a capital do Estado desde 1720, o que desagradava o projeto republicano que era em grande medida inspirado pelo positivismo. Para os que apoiavam a mudança do centro administrativo, conforme entende Passos (2013), uma nova e moderna capital representaria valores urbanos e poderiam favorecer as práticas republicanas, uma vez que os favoráveis as mudanças entendiam como necessário o rompimento do modelo de sociedade que estava ligado ao tradicionalismo, uma vez que o advento do republicanismo trazia consigo uma nova ideia de espaço, e neste sentido, uma nova capital para Minas Gerais consolidaria a imagem republicana que se pretendia e ainda daria sentido material a ideia de ruptura com um modelo de tradição que não mais era desejável. Segundo Passos (2013) *apud* Arruda (2000), “Belo Horizonte surgiria tendo como ideal ser uma metrópole, não somente de Minas Gerais, mas da República. O projeto da cidade teria sido pensado de forma a escrevê-la no mundo moderno, apresentando-se assim, como espaço para constituição de uma nova sociabilidade”.

Existiam disputas internas para a definição de local para a nova capital. As áreas centrais do Estado, marcadas por economia mineradora já em decadência pretendiam manter a capital em Ouro Preto e rivalizavam com as regiões sul e da Zona da Mata, de economia cafeeira próspera no contexto, que defendiam a construção de uma nova capital. Conforme informa Passos (2013), “no dia 24 de outubro de 1891, foi promulgada a lei n.1, adicional a Constituição Estadual de Minas Gerais, que autorizava o estudo do meio ambiente para se definir o local a ser escolhido para a Nova Capital”. Para esta construção, foi organizada uma “Comissão de Estudos” formada por engenheiros e médicos sanitaristas, que no entendimento da autora ficou responsável por analisar qual o melhor lugar para a construção da nova capital para o Estado de Minas Gerais.

Estava prevista a construção de uma cidade para abrigar entre 150 mil e 200 mil habitantes, e fatores como localização, clima, salubridade, incidência de doenças e epidemias deveria ser levado em consideração. Belo Horizonte, Várzea do Marçal, Paraúna, Barbacena e Juiz de Fora foram regiões cogitadas. Interesses políticos, topografia, água potável, jazidas, clima e a localização mais centralizada foram determinantes para a escolha de Belo

Horizonte, e, deste modo, conforme indica Passos (2013), foi em 17 de dezembro de 1893 que Belo Horizonte foi designada como o local para se erguer a nova capital de Minas Gerais, sendo inaugurada em 12 de dezembro de 1897, com características que procuravam imitar noções de urbanização importadas do estrangeiro, inspiradas no republicanismo e positivismo.

Os imigrantes italianos em Belo Horizonte

A chegada em números significativos de italianos em Belo Horizonte se dá em conjunto com o início das obras para a construção na nova capital. Os próprios engenheiros, conforme indica Cavalieri (2011), solicitaram a vinda de mão de obra estrangeira por acreditarem que eram mais qualificadas para este tipo de trabalho. A maior parcela destes imigrantes que chegaram a Belo Horizonte era formada por italianos, que conforma Cavalieri (2011), não somente vieram para trabalhar na construção civil, mas também se estabeleceram nos núcleos coloniais e foram importantes para a constituição de um mercado de hortaliças, sendo também fundamentais no processo de industrialização da cidade. Cavalieri (2011) cita os dados do *Almanack* de Minas de 1900, que traz a informação que dos 5.000 trabalhadores que foram contratados para construir Belo Horizonte, 3 mil eram italianos.

Como imigrantes que em sua esmagadora maioria vieram para o Brasil fugindo das condições precárias de vida que tinham nas regiões italianas que anteriormente viviam, e tendo como condição na nova terra o trabalho duro, da construção civil, fábricas e lavoura, a massa de imigrantes italianos não encontrou na nova capital que estava sendo construída as condições de vida com as quais provavelmente sonhou. Principalmente no quesito moradia, uma vez que, como trabalhadores em sua maioria, pode-se dizer que o projeto urbanístico de Belo Horizonte não lhes favoreceu, pois a cidade planejada foi dividida para também separar socialmente seus moradores por questões de renda e prestígio social. Apesar de os italianos em certa medida também suprirem a mão de obra de engenheiros, arquitetos e mestres de obra, os motivos óbvios de contingente necessário para uma obra do volume da construção de uma cidade demonstram que a imensa e absoluta maioria eram de operários e trabalhadores braçais. É fato que um pequeno número de italianos que vieram para o Brasil era formado por pessoas de condições financeiras razoáveis e que contribuíram para o desenvolvimento industrial brasileiro. No entanto, a pobreza, a miserabilidade e o analfabetismo eram a tônica da maioria absoluta dos imigrantes italianos que vieram para Belo Horizonte.

A segmentação social também foi uma característica marcante da recém inaugurada capital. De acordo com Passos (2013), a planta da cidade produzida pelo engenheiro Aarão Reis dividiu Belo Horizonte em zona urbana, zona suburbana e a zona rural. A zona

suburbana ficava fora da avenida do Contorno, e as camadas populares da cidade foram expulsas da região central e urbana para esta área. Conforme o recenseamento de 1912, Belo Horizonte contava com 12.033 habitantes na área urbana, 14.842 na área suburbana e 11.947 na área rural.

O primeiro núcleo colonial urbano criado para abrigar os imigrantes foi Barreiros, em 1897, conforme informa Cavalieri (2011). Logo após Barreiros, foram criados os núcleos coloniais de Vargem Grande, Carlos Partes, Américo Werneck, entre outros... O objetivo da criação destes núcleos era o de fixar o grande número de operários que trabalharam na construção da capital. Cavalieri (2011) considera que a grande presença de italianos nestes núcleos que se tornariam os bairros de subúrbio da capital foi fundamental para a assimilação destes imigrantes na cidade de Belo Horizonte.

No entanto, vale ressaltar que, de acordo com os dados dos Secretários da Agricultura de 1900 a 1910, conforme apresentados por Cavalieri (2011), os 5 núcleos coloniais urbanos juntos totalizavam 953 habitantes, sendo que de acordo com o *Almanack* da cidade de Minas de 1900 são cerca de 3000 mil italianos trabalhando na construção da capital. Onde então estariam habitando estes italianos? Segundo Cavalieri (2011), estavam em áreas suburbanas ou em bairros mais centrais, mas não designados para servidores públicos, que eram considerados os luxuosos. Muitos destes italianos estavam habitando barracos improvisados junto às obras de construção da capital até a sua finalização, assim como também nos bairros Santa Efigênia e Barro Preto, o que segundo Cavalieri (2011) demonstra que os italianos estavam muito mais ligados as atividades urbanas do que as agrícolas. Isto se justifica também pelo fato de muitos italianos estarem vivendo na hospedaria para imigrantes construída pelo governo nas margens do Ribeirão Arrudas e da linha férrea, que tinha capacidade para abrigar 200 pessoas e de acordo com o jornal *A Capital* de 10 de julho de 1897, conforme relata Cavalieri (2011), havia entrado na hospedaria 1543 pessoas.

Para os funcionários públicos que mudaram de Ouro Preto para a nova capital, o governo do Estado cedeu gratuitamente lotes de terras, de modo a estimulá-los a habitar a zona urbana. O bairro do Funcionários foi onde se concentrou o funcionalismo público, conforme informa Passos (2013).

No entanto, a pobreza foi um grande problema nos anos após a criação de Belo Horizonte. Isto porque mesmo inaugurada, a capital estava longe de estar acabada. A crise financeira de Minas Gerais e do Brasil fez com que as obras fossem por muitas vezes paralisadas, o que fez com que muitos trabalhadores não recebessem salários, de acordo com Cavalieri (2011). Também após o aviso do fim das obras os operários ficaram sem ter para

onde ir, e assim tem origem a criação de núcleos populosos nas periferias, como o Barro Preto, Calafate e Lagoinha.

Quanto à habitação dos operários, Passos (2013) informa que estes viviam em cafuas e barracões sem conforto, localizados em grande medida junto ao Córrego do Leitão, no atual Barro Preto, assim como no Alto da Estação, no atual Santa Tereza. Em 1900, o prefeito Bernardo Monteiro concedeu provisoriamente lotes a operários moradores de cafuas que viviam na região da Praça Raul Soares e no Barro Preto, realocando-os para regiões então mais afastadas, como o Calafate. Tal medida conforme demonstra Passos (2013) não agradou aos operários, que por meio do jornal “O Operário”, que circulou no contexto, que alertavam para o fato de que no Barro Preto estava se formando uma “cidade de cafuas¹”, e que a mudança provisória para a região mais distante do Calafate não solucionaria este problema, pois formariam novas aglomerações de cafuas.

A Vila Operária do Barro Preto foi criada oficialmente em 1902, embora a ocupação da região tenha começado bem antes. A região já não era mais suficiente para a ocupação do operariado, e assim sendo, Passos (2013) considera que, na intenção de manter o operariado sempre afastado da área urbana, em 1917 o prefeito Cornélio Vaz de Melo concede nova região ao operariado, denominada “pasto do mercado”. Em 1920 concedeu alguns terrenos na região da Lagoinha para a formação de uma nova vila operária.

A colônia italiana em Belo Horizonte (e no Brasil como um todo) utilizou da criação de associações para se defenderem no novo território que habitavam. Conforme informa Bertonha (2010), havia muito preconceito e restrições contra os italianos no Brasil, pois muitos deles foram identificados como ameaça aos brasileiros no que se referem as disputas por postos de trabalho na lavoura e na construção civil. Em muitos casos, Bertonha (2010) informa que os italianos foram tidos como pobres, analfabetos, de hábitos peculiares que carregavam vários estereótipos, como o da falta de higiene, delinquentes, violentos, subversivos e devassos, entre outros.

Esta situação justifica a organização de italianos em associações de modo a ganharem força e representatividade. A primeira criada em Belo Horizonte foi a *Società Operaia Italiana di Beneficenza e Mutuo Soccorso*. (Sociedade Operária Italiana de Beneficência e Mútuo Socorro). Conforme nos informa Cavalieri (2011), consta no jornal Bello Horizonte de 23 de fevereiro de 1896 a proposta de uma sociedade beneficente operária que tinha como objetivo ajudar os pobres e enfermos. Cavalieri (2011) destaca também que teve atuação na

¹Cafuas foram os nomes dados as habitações em condições bastantes precárias que eram as moradias principalmente dos operários durante a construção de Belo Horizonte.

capital de Minas Gerais o agrupamento conhecido como Liga Operária, que surgiu em 1900 e era responsável pela publicação do jornal “O Operário”, espaço de divulgação das reivindicações operárias da capital. Dutra (1988) chama atenção para o fato de que foram os italianos os responsáveis pela primeira greve ocorrida em Belo Horizonte, em 1912, organizada pelos operários da construção civil. A greve foi exitosa e conquistou o direito a jornada diária de 8 horas, que também passou a ser adotada nas fábricas da capital por consequência dos resultados da greve. Entre as várias associações italianas que surgiram na capital mineira, uma fundada e centrada em torno do futebol se perpetuou e se misturou com os rumos da cidade.

A Società Sportiva Palestra Italia

Embora já organizada em outras formas de associação desde a primeira década do século XX, no que se refere a participação efetiva no futebol, a participação de italianos no futebol de Belo Horizonte era bem pequena. Somente na década de 1910 que a organização de clubes com base na colônia de imigrantes italianos ganhou força, uma vez que a articulação entre o esporte e a afirmação identitária fica mais evidente entre a colônia italiana que habitava a capital mineira, conforme indica Ribeiro (2009).

Esta afirmação identitária se explica também por dois motivos. O primeiro diz respeito ao advento da I Guerra Mundial, que fez ganhar ênfase uma ideia de nacionalismo que ganhou força no mundo e reverbera diretamente no esporte, inclusive no futebol de Belo Horizonte. Neste contexto, segundo Ribeiro (2009), as colônias de imigrantes sentem a necessidade de estreitar laços e evidenciar seus sentimentos patrióticos. Além da questão nacionalista, em relação ao segundo motivo Ribeiro (2009) destaca a popularização do esporte a partir da década de 1910, uma vez que os imigrantes, sobretudo os italianos como no caso de Belo Horizonte, eram de origem proletárias.

A *Società Sportiva Palestra Italia* fundada em 02 de janeiro de 1921 não foi a primeira agremiação esportiva voltada para a colônia italiana na capital. Segundo Santana (2003), em 1907 houve o primeiro projeto de um clube italiano, o Americano Foot Ball Club, que disputou poucas partidas. Jovens italianos interessados no futebol se dispersaram por outros clubes da cidade, sendo que o Yale, que surgiu em 1910 no Barro Preto, foi o que reuniu a maioria dos italianos interessados em futebol. Também há registro, conforme orienta Santana (2003), do Scratch Italiano, que teve existência efêmera. Em 1918 também existiu o Palestra Brasil, que não vingou. Porém, em 1920 a necessidade e vontade de um clube que

representasse a colônia italiana em Belo Horizonte começou a se materializar e se tornar realidade em termos de força esportiva e representatividade popular.

Para compreendermos melhor os antecedentes que tornaram possível a fundação do Palestra Itália, é necessário elucidar os clubes que existiram anteriormente e que tiveram influência importante na consolidação palestrina. Ribeiro (2014) comenta que o grupo que organizou um combinado de jogadores denominado Scratch Italiano em 1916 juntou-se a outros futebolistas na intenção de fundarem um novo clube, e esta intenção acabou por culminar no Palestra Itália. Santana (2003) entende que a crise pela qual passou o Yale fez com que vários jogadores deixassem o clube, fato este fundamental para a formação do primeiro elenco do Palestra Itália. Neste sentido, o efêmero Scratch Italiano de 1916 e o operário e popular Yale são de grande importância para o entendimento das origens da *Società Sportiva Palestra Italia*.

O Scratch Italiano montado em 1916 teve suas peculiaridades, entre elas, o fato de ter sofrido muitas hostilidades que eram direcionadas aos italianos por conta da I Guerra Mundial que estava ocorrendo no mesmo contexto, como destaca Moura (2018). Estas hostilidades contra italianos na acepção de Moura (2018) eram muito fortes desde o início da imigração para o Brasil, porém com o crescimento das atenções voltadas para o futebol, as hostilidades passaram a ser mais visíveis devido à grande visibilidade que este esporte demonstrava.

O Yale, clube de muitos integrantes de origem operária, também teve problemas, uma vez que na constituição de um selecionado da capital mineira em 1919, nenhum jogador do Yale foi chamado. Moura (2018) salienta que houve uma partida entre o selecionado de Belo Horizonte contra o Yale na qual as hostilidades direcionadas aos jogadores do Yale foram graves. Ribeiro (2009) também chama a atenção para esta partida, que em sua opinião foi marcada por insultos por parte dos jogadores e torcedores do Yale, que se sentiram preteridos pelos tradicionais clubes da cidade. Ribeiro (2009) considera que, a partir de 1910, houve um processo de popularização do Yale marcado pela presença cada vez maior de integrantes de origem operária. Tal fato para o autor fez com que o Yale se diferenciasse bastante das outras agremiações existentes em Belo Horizonte. Este é também um dos motivos que evidenciam o fato de nenhum jogador do Yale ter sido convocado para o selecionado da capital.

Conforme se observa nos estudos dos autores, fica notório que ter um clube de futebol voltado para a colônia italiana na década de 10 do século 20 não foi tarefa das mais fáceis, e para que a possibilidade de um clube que representasse a colônia se materializasse de modo a se perpetuar, era preciso demonstrar força.

O abandono do Yale em 1919 da LMDT (Liga Mineira de Desportos Terrestres) criou o cenário propício para a criação de uma equipe formada por jogadores e torcedores de origem italiana, que atendesse a demanda popular e paralelamente pudesse reforçar a imagem dos italianos na cidade, principalmente por um clube que pudesse ser forte em campo e nas arquibancadas, capaz de enfrentar os outros clubes da capital com brio, demonstrando seu valor como questão identitária e visando a aceitação na sociedade belo-horizontina que favoreceria também a imagem dos italianos que prosperaram na capital.

A dificuldade de criar um clube para a colônia italiana tinha também um outro problema, que era a questão da língua, uma vez que muitos italianos que vieram para a capital de Minas Gerais falavam os dialetos de suas regiões de origem, e não uma língua padrão italiana. O aprendizado do português como língua facilitou a comunicação entre os italianos e seus descendentes. Outro ponto destacado por Santana (2003) reside no fato do sucesso que o Palestra de São Paulo apresentava, o que muito influenciou a colônia italiana de Belo Horizonte a ter um clube próprio.

No entanto, tais fatos demonstram que montar um clube de futebol tinha seus desafios e custos, e não era uma tarefa tão simples. Ainda mais se tratando de um clube de imigrantes. Basta observar o histórico de vários clubes da colônia que tentaram antes e não obtiveram sucesso. Os então interessados na formação de um novo clube que contemplasse a colônia italiana em Belo Horizonte, de acordo com Santana (2003), pediram apoio ao cônsul italiano Lourenço Nicolai e aos italianos que tinham poder aquisitivo alto para os ajudarem neste projeto. E diante do incentivo percebido por todos que foram consultados, Santana (2003) informa que no dia 20 de dezembro de 1920, justamente no prédio onde ficava a *Società Italiana di Beneficenza*, foi realizada uma reunião que tinha como objetivo verificar a força da demanda que havia surgido. Num domingo de verão nos trópicos, mais precisamente dia 02 de janeiro de 1921, foi fundada a *Società Sportiva Palestra Italia*.

Em depoimento dado a Euclides Couto (2003), Carlos Ribeiro ressalta que:

“Naquela época do amadorismo era tudo muito difícil. Era complicado comprar bolas, uniformes e conseguir um lugar para treinar. Um fator fundamental dificultava ainda mais a vida dos fundadores do Palestra. Eles eram em sua maioria pobres; operários, carpinteiros, pedreiros e trabalhadores do comércio. A solução encontrada foi pedir apoio financeiro a alguns comerciantes “italianos” da rua Caetés. Eles eram paulistas e muito ligados à questão da identidade italiana.”

Os italianos pobres que habitavam a capital mineira, na sua grande maioria operários e trabalhadores da construção civil, desejavam um clube que os representasse e servisse para a integração social dos mesmos. Os italianos mais abastados queriam um clube para bater de frente e também ser exibido como força para as elites de Belo Horizonte, na intenção de

mostrar que a colônia italiana, muito popular na capital, e com apoio dos italianos que prosperaram, era também capaz de organizar um grande clube, de destaque nas competições e no número de apoiadores e torcedores. Um clube forte, capaz de enfrentar os grandes adversários da época, poderia inclusive ser utilizado para amenizar os preconceitos direcionados a comunidade italiana na cidade, gerando mais aceitação pelo respeito ao clube de futebol da colônia que poderia mostrar força e adquirir prestígio.

Neste sentido, Santana (2003) salienta que a *Società Sportiva Palestra Italia* foi criada por trabalhadores e recebeu a adesão de comerciantes e industriais italianos que viviam na capital. Moura (2018) destaca que a *Società Sportiva Palestra Italia* foi aceita logo no mesmo ano de sua fundação no principal campeonato que se disputava na cidade, pela LMDT - Liga Mineira de Desportos Terrestres, o que demonstrou a força da popularidade e prestígio dos dirigentes italianos organizados no meio social.

Quando a *Società Sportiva Palestra Italia* foi fundada em Belo Horizonte em 1921, Moura (2018) destaca que os ânimos do Pós-Primeira Guerra Mundial já estavam menos exaltados, e embora existissem, as hostilidades contra os italianos que habitavam a capital mineira estavam menores. A imprensa local de acordo com a análise de Moura (2018) teve papel fundamental no reconhecimento da *Società Sportiva Palestra Italia* e com a associação da equipe aos italianos da capital. Na medida em que o Palestra foi conseguindo grandes vitórias no futebol de Belo Horizonte, se consolidando cada vez mais no cenário, mais italianos começaram a torcer por ele, criando desta forma um sentimento de pertencimento ainda maior, que de acordo com Moura (2018) foi capaz de evidenciar e destacar o que lhes eram semelhantes muito mais do que suas diferenças. Moura (2018) destaca que por meio do futebol a imprensa local criou animosidades e rivalidades entre clubes de imigrantes e clubes que teriam mais identificação com a população nacional.

Assim como seus antecessores sofreram animosidades durante a década de 10 por questão étnica, o Palestra Itália também sofreu na década de 20. Insultos e violências destinados a *Società Sportiva Palestra Italia* perduraram até o início da década de 30.² Moura (2018) destaca que até mesmo a imprensa esportiva do contexto não conseguia compreender os motivos de torcedores de Belo Horizonte que não os do Palestra Itália torcerem contra o clube, ou até mesmo não queria acreditar que os insultos eram por questões étnicas, como relata o jornal Minas Gerais de 16 de novembro de 1931, na página 11:

² Vale ressaltar que em 1942 o Palestra Itália é obrigado a mudar de nome por conta do autoritarismo de Estado.

“De fato, não compreendemos e julgamos que a outros acontecerá o mesmo e, razão por que, ferindo-se um embate como o de ontem, entre um clube local e outro estranho, a maior parte do nosso público esportivo, ao invés de levar ao bando de casa o estímulo de seus aplausos, empresta-o ao de fora, o que, em outros meios, não se dá. Aqui, constitui espetáculo interessante e, por isso mesmo, digno de registro, a atitude francamente hostil que a assistência assume, não sabemos por que, contra o Palestra, quando ele se bate com equipes de outras cidades. E são tão diretos e significativos os epítetos atirados contra os palestrinos que surpreendem mesmo o quadro visitante, que não espera por isso. Basear-se-ão eles nas circunstâncias de ser o clube da avenida Paraopeba fundado e custeado pela colônia italiana? Mas, neste caso, serão desmentido formal à tradicional hospitalidade do nosso povo, que não diferencia cores nem isola raças quando todos palmilham a estrada do progresso e da grandeza do Brasil. Por outro lado, o Palestra tem sido em Minas, sem a menor dúvida, um dos pilares de sua organização esportiva, a que vem prestando proficuamente relevantes serviços. Ora, assim entendendo, não se percebe a fonte de onde se origina essa aversão notória de boa parte do nosso povo para um clube que é exemplo de labor e disciplina. Daí, a nossa perplexidade de ontem, no field palestrino, ante a frieza com que os esportistas viam o Palestra consignar um gol, que significava muito para o futebol belorizontino, e os extravasamentos de satisfações com que aplaudiam um feito qualquer da luzida rapaziada do Tupinambás. Sem dúvida, um match inter-municipal ou estadual em que o Palestra toma parte oferece um campo interessante para aplicação e estudo da psicologia das multidões”.

O Palestra Itália representava também a afirmação da colônia italiana na capital. E o associativismo, que marcou outras ações da colônia em períodos anteriores, também foi característica do clube, que destinou rendas de seus amistosos para construção de sociedades beneficentes, como por exemplo a Santa Casa de Misericórdia, conforme informa Moura (2018). A *Società Sportiva Palestra Italia*, de acordo com Ribeiro (2009), se envolveu em várias ações da colônia em Belo Horizonte, como no caso do 6º Centenário de Dante Alighieri, que entre outras atividades do grupo de imigrantes, também organizou um torneio de futebol, conforme indica o jornal Minas Gerais de 14 de setembro de 1921, na sua página 5:

“Faz parte do magnífico programma organizado pela comissão promotora das festas um interessante torneio de foot-ball, que atrahirá sem duvida ao Prado Mineiro uma numerosa assistencia, dado o entusiasmo que se nota nas rodas desportivas dessa Capital pelo resultado das diversas provas. Os jogos terão inicio ao meio dia em ponto, devendo correr bondes extraordinarios para o Prado. Por um operador cinematographico serão tirados “films” das phases mais importantes do torneio. Os jogos serão realizados na seguinte ordem: – 1º Guarany X Lusitano; Sete X A. M. C. D.; 3º Athletico X Palestra; 4º America X Yale; 5º Vencedor do 1º contra vencedor do 2º; 6º Vencedor do 3º contra vencedor do 4º; 7º Vencedor do 5º contra vencedor do 6º. Ao club collocado em 1º lugar será offerecida uma bella taça e ao collocado em 2º lugar um artistico bronze. As senhoras e senhorinhas terão entrada gratis no Prado.”

Ao que tudo indica, a *Società Sportiva Palestra Italia* conquistava então o seu primeiro título de uma história que seria farta de conquistas.

As vitórias representavam para o Palestra Itália algo que ia além do futebol. Como muitos imigrantes italianos eram alvos de preconceito e hostilizações no cotidiano da capital de Minas Gerais, vivendo o drama da não aceitação, se identificar com uma equipe vencedora poderia lhe trazer prestígio, aceitação e superação dos estereótipos através do futebol. Além disso, Moura (2018) considera que vencer para o Palestra Itália significava uma compensação, no âmbito do esporte, de todas as humilhações, insultos e constrangimentos que muitos imigrantes vindos da região geográfica conhecida como Itália tiveram que tolerar para viver no Brasil.

Ribeiro (2014) destaca que o primeiro jogo do Palestra Itália recebeu 1.500 torcedores, que era a capacidade máxima do estádio do Prado Mineiro. Este público que superlotou o estádio logo na primeira apresentação da *Società Sportiva Palestra Italia* diz muito sobre a popularidade do clube em sua fundação.

Pode-se afirmar que, no caso do Palestra Itália de Belo Horizonte, sua torcida, majoritariamente popular e operária, com apoio dos italianos comerciantes e industriários que também habitavam a capital de Minas Gerais, fez o clube, ou seja, a *Società Sportiva Palestra Italia* não é um clube que deu origem a uma torcida, é uma torcida que deu origem a um clube.

E todo complexo histórico que vai desde a imigração de italianos para o Brasil no século XIX até a criação da *Società Sportiva Palestra Italia* em 02 de janeiro de 1921, nos transmite o quão é revelador o futebol como elemento social importante para se compreender a formação da sociedade belo-horizontina e brasileira, uma vez que ao longo do século 20, por meio do Cruzeiro Esporte Clube, foi criada uma comunidade de milhões de seguidores que partilham sentimentos, símbolos, identidades e pertencimentos comuns.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- . ARAÚJO, José Renato de Campos. **Imigração e futebol: o caso Palestra Itália**. 1996. Dissertação de Mestrado em Sociologia – Campinas: Unicamp, 1996.
- . BARRETO, Plínio; BARRETO, Luiz Otávio Trópia. **De Palestra a Cruzeiro: uma trajetória de glórias**. Belo Horizonte: M&B Assessoria de Imprensa, 2000.
- . BARRETO, Plínio. **Futebol nos embalos da nostalgia**. Belo Horizonte: Santa Edwiges, 1995.
- . BERTONHA, João Fábio. **Os italianos**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010.
- . CARELLI, Mario. **Carcamanos e comendadores: os italianos de São Paulo da realidade à ficção (1919-1930)**. São Paulo: Ática, 1985.
- . CAVALIERI, Daniel Gonçalves. **Os imigrantes italianos e os ítalo-descendentes em Belo Horizonte: identidade e sociabilidade (1897-1942)**. Dissertação de Mestrado. Mariana: UFOP, 2011.

- . COUTO, Euclides de Freitas. **Belo Horizonte e o Futebol: integração social e identidades coletivas (1897-1927)**. Dissertação de mestrado em Ciências Sociais. Belo Horizonte: PUC, 2003.
- . FRANZINI, Fábio. **As Raízes do País do Futebol: Estudo sobre a relação entre o futebol e a nacionalidade brasileira (1919-1950)**. Dissertação de Mestrado em História Social. São Paulo: FFLCH – USP, 2000.
- . JULIÃO, Leticia. “Belo Horizonte: itinerários da cidade moderna (1891-1920)”. In: DUTRA, Eliana de Freitas (Org.). **BH: horizontes históricos**. Belo Horizonte: C/Arte, 1996. p. 49-118.
- . GUIMARÃES, Berenice Martins. **Cafuas, barracos e barracões: Belo Horizonte, cidade planejada**. Tese de Doutorado em Sociologia. Rio de Janeiro: IUPERJ, 1991.
- . MOURA, Rodrigo Caldeira Bagni. Um estudo comparado dos Palestras Itália de São Paulo e de Belo Horizonte (1914-1933). **Revista Licere**. Belo Horizonte, v.22, n.1, mar/2019.
- . RIBEIRO, Henrique. **Almanaque do Cruzeiro**. Caxias do Sul: Belas-Letras, 2014.
- . RIBEIRO, Raphael Rajão. **A Bola em meio a ruas alinhadas e a uma poeira infernal: os primeiros anos do futebol em Belo Horizonte (1904-1921)**. Dissertação de Mestrado em História Social da Cultura. Belo Horizonte: UFMG, 2007.
- . RIBEIRO, Raphael R. Participação imigrante nos primeiros anos do esporte em Belo Horizonte. In: **V Seminário de imigração italiana em Minas Gerais**, 2009.
- . RODRIGUES, Marilita Aparecida Arantes. **Constituição e Enraizamento do Esporte na Cidade – uma prática moderna de lazer na cultura urbana de Belo Horizonte (1894-1920)**. Tese de Doutorado em História Social da Cultura. Belo Horizonte: UFMG, 2006.
- . RODRIGUES, Maysa Gomes. **Sob o céu de outra pátria: Imigrantes e educação em Juiz de Fora e Belo Horizonte, Minas Gerais (1888-1912)**. Tese de Doutorado. Belo Horizonte: UFMG, 2009.
- . SANTANA, Jorge. **Páginas Heróicas: Onde a imagem do Cruzeiro resplandece**. São Paulo: DBA Artes Gráficas, 2003.
- . SEVCENKO, Nicolau. “Futebol, metrópoles e desastinos”. In: **Revista USP**, São Paulo, n. 22, p. 30-7, jun./ago. 1994.